

## FORMAS SOCIAIS E EXPRESSIVAS DA DEVOÇÃO NAS NARRATIVAS VISUAIS DA FESTA DE OGUM EM BAGÉ

RODRIGUES, Thais<sup>1</sup>; MOURA, Lisandro<sup>2</sup>; GUSMÃO, Carlos E<sup>3</sup>; MENDES, Arisandro<sup>4</sup>;  
FRÓES, Natália<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil

<sup>2</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil

<sup>3</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil

<sup>4</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil

<sup>5</sup> Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL) – Bagé – RS – Brasil

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir parte do material visual (fotografias e vídeo) produzido durante a 13ª Procissão de São Jorge, também conhecida como Festa de Ogum, que ocorreu em 23 de abril de 2017 em Bagé-RS. O trabalho foi realizado pela equipe de estudantes e professor orientador dos projetos Narradores de Bagé e Cinema, Educação e Diretos Humanos (Inventar com a Diferença), do IFSul Campus Bagé, e contou também o apoio do Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras. A festa de Ogum é organizada pela Associação Espiritualista de Umbanda e todo ano reúne uma multidão de fiéis, sendo uma das mais importantes manifestações culturais da cidade. Utilizamos como metodologia de pesquisa a etnografia e a observação participante, que envolveu conversas e entrevistas com devotos e chefes de terreiros de Umbanda, além da produção de imagens fotográficas, vídeo e captação de áudio das expressões orais, toques e cantos de louvação à São Jorge/Ogum. O foco de análise está nas formas expressivas da devoção e seu conteúdo social, que serão apresentadas por meio de narrativas visuais. Nas fotografias selecionadas, a Festa de Ogum pode ser descrita por quatro atos performáticos distintos e complementares: 1) ritual de chegada, 2) caminhada, 3) cerimônia na praça e 4) ritual festivo na terreira. Tal proposta nos leva a considerar, como resultado, que o conteúdo social da devoção a São Jorge ou Ogum não pode ser compreendido sem levar em conta a dimensão performática dos fiéis (gestos, sensações, emoções e expressões corporais) e as situações que ocorrem nos quatro momentos ritualísticos do evento. O trabalho aponta, portanto, para a importância da imagem na apreensão do conhecimento sociológico sobre os atos de fé em Bagé.

**Palavras-chave:** Religiosidade; Cultura afro-brasileira; Narrativas visuais.

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Bagé mantém fortes ligações com a religião de matriz africana e afro-brasileira. Um exemplo disso é a procissão de Ogum, que neste ano chegou na 13ª edição atraindo uma população numerosa e diversa. Como disse o Sr. Luis Antônio, dirigente do Centro Espirita Ogum das Matas, "a comunidade de batuqueiros de Bagé é grande!"

Ogum (em iorubá: Ògún) é amplamente conhecido como o orixá da guerra, "herói civilizador" (VERGER, 2002), cavaleiro valente que vence demandas, senhor do ferro, da agricultura e da tecnologia. O evento é organizado pelas terreiras de Umbanda da cidade e conta também com a presença de católicos devotos de São

Jorge e autoridades religiosas locais como padres e bispos. Sem dúvida, é um momento de grande visibilidade, protagonismo e integração das comunidades de terreiros com a população geral de Bagé.

A cidade conta com aproximadamente trezentas casas de religião compostas por múltiplas vertentes e tendências. Desse total, 150 estão oficialmente vinculadas à Associação Espiritualista de Umbanda, organizadora da procissão. Os terreiros, muitas vezes invisíveis, espalham-se pelos mais diversos bairros e se constituem como um espaço sagrado, normalmente construído na própria casa familiar, onde a comunidade pode preservar a tradição dos antepassados e ao mesmo tempo criar alternativas coletivas para lidar com as adversidades do dia-a-dia.

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir o material visual (fotografias e vídeo) produzido durante a Procissão de São Jorge/Ogum, que ocorreu em 23 de abril de 2017. O trabalho foi realizado pela equipe de estudantes e professor orientador-coordenador dos projetos *Narradores de Bagé* e *Cinema, Educação e Diretos Humanos* (Inventar com a Diferença), do IFSul Campus Bagé, e contou também o apoio do Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras. A festa de Ogum é organizada pela Associação Espiritualista de Umbanda e todo ano reúne uma multidão de fiéis, sendo uma das mais importantes manifestações culturais da cidade. O foco de análise está nas formas expressivas da devoção e seu conteúdo social, que serão apresentadas por meio de narrativas visuais.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

A maneira como realizamos este trabalho está baseada nos métodos de pesquisa qualitativa das Ciências Humanas, especialmente os da Sociologia e da Antropologia, que se valem da observação participante e do método etnográfico. A etnografia, segundo Rocha e Eckert (2003, p.03), “consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa”. Sendo assim, a nossa iniciação no método etnográfico está baseada na descrição das situações observadas em campo, que envolve a participação na procissão e na sessão de umbanda em homenagem a Ogum, bem como a escrita de diários, anotações e captação de som, imagens fotográficas e em vídeo. O pesquisador e a pesquisadora, nesse caso, obedecem aos procedimentos metodológicos típicos da etnografia. Nas palavras de Rocha e Eckert (2003, p. 03), “o etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano.”

Na nossa saída de campo, conversamos e entrevistamos os devotos de São Jorge e chefes de terreiras da cidade e produzimos uma quantidade significativa de fotografias, além de captação de áudio das expressões orais, toques e cantos de louvação à São Jorge/Ogum. O trabalho foi finalizado, então, com a realização de um vídeo poético-documental da procissão, que será apresentado em mostras de cinema da região.

Alguns estudantes da nossa equipe nunca havia participado de uma cerimônia religiosa de matriz africana, o que causou um certo estranhamento, fazendo com que os estudantes adentrassem no universo do outro sem entender muito os códigos da cultura. Aos poucos, com o olhar atento, com a observação participante e análise das imagens, as situações se tornaram mais compreensíveis, embora as dúvidas ainda

estejam presentes. A Sociologia nos auxilia justamente nisso, pois ela nos fornece a possibilidade do contato com o diferente, de maneira a compreender as situações nos termos da própria cultura em questão.

Conforme Rocha e Eckert,

A pesquisa etnográfica, constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA; Eckert, 2008, p. 01)

Durante a saída de campo utilizamos cinco câmeras digitais, três para fotografias e duas para filmagem. As câmeras são oriundas do IFSul e outras foram cedidas pelo Ponto de Cultura Pampa sem Fronteiras, parceiro do projeto. Além desse material, utilizamos também gravador de áudio e cadernos de campo. Cada estudante ficou responsável por uma função: filmagem, fotografias, diário de campo, realização de entrevistas, edição das fotos, montagem e edição do vídeo documentário.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fotografias selecionadas para este trabalho têm a intenção de mostrar as formas de expressão da devoção, os gestos, sensações, cores e emoções corporais e faciais consideradas como ato estético e poético. A Festa de Ogum pode ser descrita por quatro atos performáticos distintos e complementares:

**1º ato:** ritual de chegada do “cavaleiro valente” na praça da Matriz, onde está localizada a Igreja da Catedral de São Sebastião. Assim que a imagem de São Jorge desce do carro de bombeiros, os(as) chefes de terreiro vão saudá-la, tocando e pedindo axé. Abre-se uma fila dupla no início da Avenida 7 de Setembro, para que o orixá passe no meio. Logo após, acontece o pronunciamento do presidente da Associação Espiritualista de Umbanda. O encerramento dessa parte se dá com o canto do hino da Umbanda.

**2º ato:** caminhada na Av. 7 de Setembro até a Praça de Esportes. Os(as) chefes de terreiro exigem um certo grau de organização e disciplina durante a caminhada. A imagem de São Jorge vai à frente da procissão e os demais fiéis vão atrás, cantando os pontos para Ogum. Em cada quadra é cantado um ponto diferente e assim que a imagem de São Jorge chega na esquina é tocado o clarim como forma de anunciar a passagem do santo guerreiro. O toque do clarim, muito presente nos quartéis militares, representa justamente o lado combatente de São Jorge/Ogum, considerado por muitos como um soldado. Segundo relatos dos devotos, a caminhada traz energia positiva e motivação. A caminhada concentra forças e opera como fator de transformação das pessoas. É também uma espécie de sacrifício e de doação. Para se receber o axé, ou seja, a energia vital do santo, é preciso oferecer algo em troca. É interessante observar que as procissões estão mais associadas ao universo do catolicismo popular e não são práticas recorrentes das religiões de matriz africana. Na procissão de São Jorge, em Bagé, o protagonismo é das terreiras de umbanda e percebe-se a todo o momento o sincretismo com o catolicismo popular, inclusive no nome do evento: em determinados momentos os fiéis falam em “procissão de São Jorge”, em outros, “festa de Ogum”.

**3º ato:** cerimônia institucional na Praça de Esportes. Quando o orixá chega na praça, é feito um novo ritual de passagem. As pessoas ficam com as espadas de São Jorge em alto, formando um túnel, para o orixá passar por baixo. De acordo com relato do Sr. Carlos do Bará, esse ato representa mais uma vez as práticas rituais do exército e é uma forma de homenagem ao santo guerreiro. Depois disso, o presidente da Associação Espiritualista de Umbanda chama os(as) chefes de terreiro, ialorixás (mães de santo) e babalorixás (pais de santo) participantes do evento para que subam, um por vez, até a concha acústica e façam um breve pronunciamento. É tocado um ponto, com a curimba, em homenagem ao orixá daquele(a) chefe de terreiro. Ao final, todos cantam o hino da Umbanda como forma de oração.

**4º ato:** ritual religioso na terreira responsável pelos cuidados da imagem de São Jorge/Ogum. Após o encerramento das cerimônias na Praça de Esportes, como de costume, os fiéis foram convidados para uma sessão festiva na terreira do Sr. Carlos do Bará, no Reino Bará Lodê e Pai João de Angola. A cada ano, uma casa de religião fica responsável por receber a imagem de São Jorge, carregá-la durante a procissão e organizar a cerimônia festiva, bem como se responsabilizar pelas atividades que antecedem a procissão como, por exemplo, o toque da Alvorada às 4h da manhã. Durante o ano todo, a imagem de Ogum faz uma peregrinação por várias terreiras da cidade, como forma de visita para deixar o seu axé. Geralmente fica de dois a três meses em cada casa. O único critério para recebê-la é fazer parte da Associação Espiritualista de Umbanda. Na sessão festiva, que acontece após a caminhada no centro, não ocorre o tradicional “passe”. É uma sessão mais curta onde é tocado alguns pontos. Os fiéis ofertam o alimento para o orixá comer. Quem prepara o alimento são os filhos do Orixá. Segundo relatos do Sr. Carlos, não é todo mundo que pode fazer o alimento, só os iniciados na religião. Quando a comida é preparada o filho tem que estar de pés descalço, orando, pedindo fartura e saúde a todos. A bebida servida na sessão festiva é o Atã, um suco batido com várias frutas. É um nome de origem yorubá. Além do Atã, Ogum gosta de churrasco, ripa de costela assada, pão, farofa, pêssego, laranja, tomate e ovos. No final do ritual, o orixá benze o alimento para ser servido às pessoas convidadas.

As quatro sequências performáticas serão apresentadas em narrativas fotográficas produzidas pela nossa equipe durante todo o evento. As narrativas podem ser entendidas no conjunto como “processos rituais” (TURNER, 2008), ao mostrarem as relações que a experiência religiosa mantém com a teatralidade: maneiras socialmente partilhadas de dizer, expressar-se e portar-se publicamente. A teatralidade é entendida aqui como uma forma performática, artística e poética de se manifestar a fé.

Os fiéis mantêm a todo momento um comportamento introspectivo e imersivo, que denota uma comunicação simbólica com o santo/orixá. Olhos fechados ou voltados em direção à vela, mãos para o alto em busca de um conforto para suas dores. Pessoas idosas, jovens e crianças em estado de graça ou lamento, formulando virtualmente seus pedidos e promessas e agradecendo ao orixá pelas batalhas vencidas. Gestos repletos de intencionalidade, capazes de instaurar uma nova ordem das coisas. Há, portanto, no ato religioso dos peregrinos, um sentimento de entrega que emana dos “corpos que creem” (PIMENTA, 2013), que pedem e agradecem, ou seja, um corpo religado à dimensão espiritual da vida, onde humanos e divindades entram em negociação.

#### 4 CONCLUSÃO

O presente trabalho nos leva a considerar, como resultado, que o conteúdo social da devoção à São Jorge ou Ogum não pode ser compreendido sem levar em conta a dimensão performática dos fiéis (gestos, sensações, emoções e expressões corporais), sem a qual a atmosfera religiosa não faria tanto sentido. O trabalho aponta, portanto, para a importância da imagem na apreensão do conhecimento sociológico sobre os atos de fé. Além disso, o trabalho servirá como importante registro das manifestações populares da cidade de Bagé, disponível para toda a população e especialmente para as comunidades de terreiros da cidade, que poderão utilizar o material para a divulgação das próximas procissões.

Como experiência de pesquisa, o grupo de estudantes considera que o trabalho realizado foi importante, porque nos possibilitou compreendermos melhor os sentidos da presença da religiosidade de matriz africana na cidade e a importância de Ogum na vida das pessoas.

#### 5 REFERÊNCIAS

Pimenta, D. Esboço para uma antropologia dos corpos que creem: a experiência de uma romaria. In: Dawsey, J.; Müller, R. et.al. *Antropologia e Performance: ensaios napedra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

Rocha, A. L. C.; Eckert, C. Etnografia de Rua: estudo de Antropologia Urbana. In: *Revista Iluminuras*, Vol 4, n.7, Ano 2003.

Rocha, A. L. C.; Eckert, C. Etnografia: saberes e práticas. *Revista Iluminuras*. V.9, n.21, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>

Turner, V. Peregrinações como processos sociais. In: Turner, V. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

Verger, P. *Orixás: deuses yorubás na Africa e no Novo Mundo*. 6ªed. Salvador: Corrupio, 2002.